

**O impacto da pandemia por COVID-19 na cultura e no desenvolvimento de crianças e adolescentes do Nordeste do Brasil: uma revisão integrativa**

**The impact of the pandemic by COVID-19 on the culture and development of children and adolescents in Northeast Brazil: an integrative review**

Monalisa Leal Matta Machado <sup>1</sup>

Ana Karynne Marques Brito <sup>1</sup>

Thaciana Vitória da Silva Prazeres <sup>1</sup>

Maria de Jesus Torres Pacheco <sup>2</sup>

**RESUMO**

Os eventos culturais oriundos do folclore popular são cruciais para o desenvolvimento sociocultural de crianças e adolescentes. Este estudo tem como objetivo geral descrever os impactos da pandemia por Covid-19 na cultura e no desenvolvimento de crianças e adolescentes do Brasil, em especial dos nordestinos. Os objetivos específicos se delimitam em identificar o papel da escola e da família na manutenção das festividades culturais e apontar as perdas socioculturais devido à suspensão das aulas presenciais mediante os prejuízos que as restrições sociais podem ter causado a esse público-alvo. O método utilizado é a revisão integrativa, na qual se busca interlocução com autores que discutem o desenvolvimento infantil e as influências culturais em momentos de distanciamento social. A pesquisa baseou-se nas plataformas de dados MEDLINE, SciELO, Google Acadêmico, além de revistas, livros, dissertações e monografias. Como resultado, constatou-se que as instituições família e escola foram de grande contribuição nesse contexto em que tiveram de inovar e ressignificar suas práticas em razão das medidas restritivas de isolamento e distanciamento social. Concluiu-se que a tentativa de mitigar as perdas culturais foi parcialmente alcançada, pois nem todos os alunos foram contemplados devido às restrições de conectividade e acesso às mídias sociais.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento cultural infantil. Cultura na infância. Pandemia e crianças e adolescentes. Pandemia e educação. Pandemia e família.

**ABSTRACT**

Cultural events from popular folklore are crucial for the socio-cultural development of children and adolescents. This study aims to describe the impacts of the Covid-19 pandemic on the culture and development of children and adolescents in Brazil, especially those from the Northeast. The specific objectives are limited to identifying the role of the school and the family in maintaining cultural festivities and to point out the sociocultural losses due to the suspension of face-to-face classes due to the losses that social restrictions may have caused to this target audience. The method used is an integrative review in which dialogue is sought with authors who discuss child development and cultural influences in moments of social distance. The research was based on the data platforms MEDLINE, SciELO, Google Scholar, in addition to magazines, books, dissertations and monographs. As a result, it was found that the institutions family and the school were of great contribution in this context in which they had to innovate and reframe their practices due to the restrictive measures of isolation and social distance. It

---

<sup>1</sup> Acadêmicas do Curso de Medicina da UFMA – Universidade Federal do Maranhão. São Luís (MA). Brasil. E-mails: [monalisamattamachado@gmail.com](mailto:monalisamattamachado@gmail.com), [karynnebrittomed@gmail.com](mailto:karynnebrittomed@gmail.com), [thacianaprazeres@outlook.com](mailto:thacianaprazeres@outlook.com).

<sup>2</sup> Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria de Jesus Torres Pacheco é adjunta da Disciplina de Pediatria da UFMA – Universidade Federal do Maranhão, Faculdade de Medicina. São Luís (MA), Brasil. E-mail: [maria.jesus@ufma.br](mailto:maria.jesus@ufma.br)

was concluded that the attempt to mitigate cultural losses was partially achieved, as not all students were contemplated due to restrictions on connectivity and access to social media.

**Keywords:** Child cultural development. Culture in childhood. Pandemic and children and adolescents. Pandemic and education. Pandemic and family.

## **INTRODUÇÃO**

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estado de pandemia em resposta ao surto da doença Covid-19 transmitida pelo vírus SARS-Cov2 causador da Síndrome da Angústia Respiratória Aguda (SARA). Desde então, estabeleceu-se uma crise sanitária global e uma das primeiras medidas a serem adotadas pelas autoridades sanitárias e políticas para controlar e diminuir a propagação viral foi a determinação do isolamento social.

No Brasil não foi diferente. Em consequência disso, inúmeras atividades e eventos sociais precisaram ser cancelados. Uma das frases mais veiculadas nas mídias sociais foi “Neste ano não vai ter São João”. Sabe-se que a Festa Junina é um dos festejos socioculturais mais típicos e marcantes do Brasil, sendo aguardado ansiosamente todo ano pela população, principalmente no Nordeste.

O calendário cultural brasileiro é marcado por várias manifestações festivas e, dentre elas, as festas juninas se destacam pela grande participação popular e pela intensa expressão do imaginário coletivo. As crianças e os adolescentes incluídos nesse contexto se beneficiam de um desenvolvimento socioemocional que se relaciona com seu reconhecimento e sua identificação com a cultura popular em que estão inseridos. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), a criança é definida como sendo um sujeito histórico que, por meio das relações e práticas vivenciadas, constrói sua identidade pessoal, além de produzir cultura (BRASIL, 2010). Diante disso, as festividades, músicas e danças características desse período proporcionam às crianças e aos adolescentes o aprimoramento cognitivo-motor, o desenvolvimento da socialização, da imaginação, da criatividade, e, assim, contribuem de forma construtiva e positiva na formação da identidade cultural infantil.

Tendo em vista a importância dessa vivência cultural nas festividades juninas e os impedimentos atuais para praticá-las de forma plena, as instituições escolares e as famílias, juntamente com a mídia social, foram desafiadas a encontrar meios de mitigar esse prejuízo temporário para crianças e adolescentes. Deve-se também destacar que esse contexto de estresse possui forte influência nas atividades físicas e no sono, que são essenciais para o pleno desenvolvimento infantil.

As reflexões sobre as influências da pandemia de Covid-19 no desenvolvimento da infância e da adolescência são apresentadas neste artigo a partir das limitações socioculturais do folclore no Nordeste do Brasil. Portanto, nosso objetivo é convidar o leitor a refletir sobre os impactos desse contexto atípico que vivenciamos, na tentativa de atenuar os prejuízos decorrentes do isolamento e distanciamento social.

Nessa perspectiva, este artigo tem como objetivo geral descrever o impacto da pandemia por Covid-19 na cultura e no desenvolvimento de crianças e adolescentes do Nordeste do Brasil. Como objetivos específicos, visa-se: abordar efeitos da pandemia no desenvolvimento socioemocional da população infanto-juvenil; descrever impactos culturais devido às restrições causadas pela pandemia em crianças e adolescentes; identificar o papel da Escola e da Família na manutenção das festividades por meio das mídias sociais; apontar as perdas culturais para crianças e adolescentes dentro do contexto de suspensão das aulas presenciais por tempo indeterminado.

## **A SOCIALIZAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Para a criança, o ato de brincar é um meio de comunicação indispensável no processo de aprendizagem. Silva (2013) aponta que é por meio do brincar que a criança significa e ressignifica o real, pois se torna sujeito que participa, explora e reflete sobre a realidade e a cultura na qual vive, incorpora-se e, ao mesmo tempo, questiona regras, papéis sociais e recria a cultura de forma singular. Para a psicologia do desenvolvimento e para a educação, o brincar da criança “a introduz de forma gradativa, prazerosa e eficiente ao universo sócio-histórico-cultural; abre caminho e embasa o processo de ensino-aprendizagem favorecendo a construção da reflexão, da autonomia e da criatividade” (OLIVEIRA, 2000, p. 15).

A necessidade de brincar é inerente às crianças e possui forte relação com seu desenvolvimento social. É a partir das brincadeiras que a criança desenvolve suas potencialidades, além de suas habilidades sociais, afetivas, cognitivas e físicas, descobrindo também suas limitações, sendo o brincar uma forma de comunicação e expressão da criança. Bourscheid (2014) afirma que, quando uma criança brinca, além de se comunicar e socializar com o outro, ela reproduz ações do seu cotidiano que possibilitam aprendizagem, reflexões e criatividade, que são significativas ao seu desenvolvimento.

Ademais, Araújo (2013) aponta outras formas como a criança se socializa e, simultaneamente, adquire conhecimento como através de jogos, parlendas, adivinhas, danças, brincadeiras. Essas experiências possibilitam que a criança amplie sua consciência corporal e suas possibilidades de comunicação e expressão. Segundo essa autora, o contato com a música é mais uma possibilidade de socialização e de desenvolvimento de expressões artísticas. Através da música, a criança canta, dança, fantasia, cria e desenvolve senso rítmico, cria seu repertório e interage com outras crianças. Portanto, todas essas atividades favorecem a socialização e o desenvolvimento infantil, cada qual com sua singularidade.

## **A INTERFACE DA CULTURA E O DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**

A cultura se refere aos traços que caracterizam o ser humano, às criações de uma comunidade, ao modelo de tradições em determinada época e manifestações que as distinguem. Sob a perspectiva antropológica, a cultura se expressa através de gerações e resulta da singularidade de uma comunidade sobre o modo de perceber o mundo, suas produções e comportamento adquiridos e transmitidos às futuras gerações (SEIXAS, 2020).

Vygotsky (2007) acredita que a cultura em que a criança está inserida possui grande influência em seu desenvolvimento socioemocional. A inserção social infantil conjectura uma perspectiva sociointeracionista em que as crianças refletem e constroem formas culturais, pensamentos, significações daquilo que aprendem no ambiente em que vivem, ou seja, as influências sociais são a base principal de sua aprendizagem.

Outro ponto importante é que a autonomia da cultura infantil em relação à cultura adulta constitui uma questão fundamental na perspectiva do estudo das culturas na infância, como foi apontado por Sarmiento (2002). Para o autor, os processos de significação e a própria interpretação infantil são específicos e diferentes daqueles produzidos pelos adultos e, além disso, exprimem e simbolizam uma inteligibilidade inerente às crianças. Nesse sentido, há contribuição das crianças no processo de transformação cultural, e não apenas uma interiorização da cultura que é ensinada pelo adulto.

Os valores que fazem parte da cultura, ao mesmo tempo em que são transmitidos de geração em geração, estão em constante transformação. Portanto, a cultura deve ser considerada um elemento do qual fazemos parte e contribuimos para a transformação desses valores (ARAÚJO, 2013). Nesse sentido, pode-se dizer que o folclore não é ligado a um passado

estático, ou a costumes passados, ele é dinâmico, pois se conjectura a elementos associativos e transformativos, ao mesmo. Mitos, lendas e contos fazem parte do inconsciente coletivo e permanecem estimulando o imaginário de adultos e crianças. Assim, o folclore exige um aprofundamento em seu estudo “como a ciência das tradições e usos populares dos elementos da cultura popular de um povo” (FERNANDEZ, 2013, p. 55).

Nessa ressignificação cultural, as crianças se apropriam das informações que recebem do meio em que vivem. Portanto, os conteúdos folclóricos abordados por meio da inserção de brincadeiras tradicionais juninas, como as danças, as brincadeiras e as comidas típicas das regiões e a narração de histórias, a fim de resgatar o real significado dessa data comemorativa, valorizam o protagonismo infantil, contribuem para a manutenção intergeracional da tradição cultural e assumem importância no desenvolvimento afetivo e cognitivo da criança e do adolescente.

## **EFEITOS DO ISOLAMENTO NA PANDEMIA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

A população mundial está enfrentando uma experiência adversa devido à pandemia da Covid-19, que vem testando os recursos e limites do ser humano. A adoção de medidas restritivas como o isolamento e o distanciamento social como forma de diminuir a propagação viral certamente poderá impactar negativamente populações vulneráveis como as crianças e os adolescentes. Linhares e Enumo (2020) apontam que esse evento de potencial contaminação em larga escala provoca um contexto caótico e estressor que interfere diretamente nas relações familiares e no desenvolvimento das crianças.

As crianças e os pais estão lidando com situações altamente estressoras, que ameaçam a capacidade de enfrentamento adaptativo (referência). Segundo essa mesma autora, crianças expostas a eventos estressores elevam níveis de cortisol, hormônio do estresse. As alterações do cortisol interferem no sistema imunológico e nervoso que se relacionam com a emoção, a memória e a aprendizagem, interferindo diretamente no desenvolvimento desse público.

A pandemia exigiu que milhares de pais e cuidadores “demonstrassem uma alta capacidade de resiliência para garantir medidas de proteção para evitar o contágio” (ARAÚJO *et al.*, 2020, p. 2). Alguns efeitos indiretos da Covid-19 no comportamento e na saúde de crianças e adolescentes são citados, tais como: prejuízos no ensino, na socialização e no desenvolvimento, devido ao fechamento das escolas; aumento do sedentarismo e da obesidade; aumento no tempo de uso de telas; perda de entes queridos; impactos nos relacionamentos familiares, devido ao aumento do desemprego; estresse dos pais, devido à necessária readaptação em pequeno prazo, afetando diretamente crianças e adolescentes em casa (FIOCRUZ, 2020).

Nesse contexto, além dos impactos no desenvolvimento cultural, outros fatores foram desencadeados no contexto da situação atípica que vivemos e que exercem influência direta na saúde física e mental de crianças e adolescentes que vivenciam o estresse inerente a uma pandemia. Portanto, o prejuízo sociointeracional limita comportamentos que se tornam deslocados culturalmente da vida cotidiana natural, tais como contato físico, trocas de experiências e afetividade.

## **MÉTODO**

Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura, método que reúne, avalia e analisa resultados de estudos e artigos sobre a temática em questão. A revisão integrativa possui impacto tanto no desenvolvimento de políticas, protocolos e procedimentos quanto na promoção do pensamento crítico que se exige na prática diária. Diferentemente dos outros tipos de estudos, ela permite a inclusão de estudos experimentais e não experimentais, teóricos e

empíricos para uma compreensão completa do fenômeno analisado (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Com abordagem qualitativa dos dados da literatura teórica e empírica, a obtenção dos materiais de pesquisa foi realizada majoritariamente por meio de consulta *on-line* nas bases de dados *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), *Google Scholar* (Google Acadêmico) e *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO). Para pesquisa *on-line*, foram utilizados os seguintes descritores: desenvolvimento infantil AND pandemia; pandemia AND escola AND crianças; pandemia AND adolescentes; pandemia AND cultura; cultura AND desenvolvimento infantil; escola AND cultura; escola AND folclore; folclore AND infância. Além dos artigos, outros materiais foram necessários ao estudo, sendo obtidos via *internet*.

Trata-se de um estudo com análises e coleta de dados realizada a partir de fontes secundárias, por meio de levantamento bibliográfico e baseado na experiência vivenciada pelos autores por ocasião da realização de uma revisão integrativa. A ampla amostra, em conjunto com a multiplicidade de propostas, gerou um panorama consistente e compreensível de conceitos complexos, teorias ou problemas de saúde relevantes para a população pediátrica.

Os critérios de inclusão foram artigos e estudos publicados em português e inglês, disponibilizados na íntegra, com data de publicação compreendida entre 2003 e 2020 e que abordam a temática de interesse. Alguns estudos mais antigos, de 2002 a 2007, foram escolhidos para este trabalho por serem referenciais clássicos do estudo da Sociologia e Psicologia da Infância, contribuindo de forma ímpar para a construção deste estudo.

Após o levantamento das publicações, foram realizadas duas etapas de refinamento da pesquisa. Na primeira, a leitura dos títulos dos trabalhos encontrados, incluindo artigos, teses, monografias, dissertações, revistas eletrônicas, livros e documentos publicados pelo Ministério da Saúde. Na segunda, a leitura dos resumos e dos textos na íntegra que permitiu a seleção da amostra final.

Todos os estudos foram avaliados quanto às características, qualidade e congruência com o tema. O resumo de cada estudo foi inicialmente analisado e aqueles que não atenderam aos critérios de inclusão foram excluídos.

Por se tratar de um banco de dados publicados, não foi necessário submeter o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa, respeitando a Resolução 510/2016, que garante os direitos dos autores, evitando, assim, possíveis danos à sua produção científica.

## **RESULTADOS**

A amostra final desta revisão foi constituída por 29 artigos científicos, selecionados pelos critérios de inclusão previamente estabelecidos. Destes, um foi encontrado na base de dados MEDLINE, três na SciELO e 25 no Google Acadêmico. O quadro 1 representa as especificações de cada um dos artigos. Dessa forma, pode-se perceber que a maioria dos estudos acerca das ciências humanas estão presentes em plataformas mais populares como o Google Acadêmico e, portanto, há uma incipiência de artigos acerca dessa temática em outras plataformas.

**Quadro 1 – Fonte de pesquisa**

<b>Procedência</b>	<b>Título do artigo</b>	<b>Autores</b>	<b>Periódico</b>
MEDLINE	The potential impact of the COVID-19 pandemic on child growth and development: a systematic review	ARAÚJO, L. A. <i>et al.</i>	Jornal de Pediatria, 2020
SciELO	Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência	MÜLLER, F.	Revista Educação e Sociedade, 2006
	Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância	SARMENTO, M. J.	Revista Educação e Sociedade, 2005
	Reflexões baseadas na psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil	LINHARES, M. B. M.; ENUMO, S. R. F.	Revista Estudos de Psicologia, 2020
Google Acadêmico	O folclore musical infantil brasileiro na ampliação do repertório cultural da criança na educação infantil	ARAÚJO, C. P.	Monografia de especialização em Docência na Educação Infantil, 2013
	A contribuição do folclore nas aulas de literatura infantil	ARAÚJO, D. F. C.; LIMA, E. F.	Monografia de graduação em Pedagogia, 2005
	O papel da escola no processo de socialização infantil	BORSA, J. C.	Revista Eletrônica de Psicologia, 2007
	Tambor de Crioula do Maranhão	Brasil, Ministério da Cultura	Dossiê do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2016
	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil	Brasil, Ministério da Educação	Diretrizes da Secretaria de Educação Básica, 2010
	Olhares sociológicos sobre a pandemia	CORREIA, A. C. <i>et al.</i>	Cadernos da Pandemia, do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, 2020
	Sociologia da infância	CORSARO, W.	Livro 2ª edição, Artmed, 2011
	O ensino do folclore na educação infantil: sob o olhar dos professores	CUNHA, A. M. V.; GONÇALVES, F. W. A. S.	Revista Internacional de Folkcomunicação, 2019
	Contribuições a uma reflexão acerca do trabalho com lendas do folclore brasileiro na educação formal de crianças pequenas	FERNANDEZ, B. M.	Monografia de licenciatura em Pedagogia, 2013
	Diversidade cultural no contexto escolar	LEITE, M. A.	Monografia de especialização em Fundamentos da Educação, 2014
	Reflexões baseadas na psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil	LINHARES, M. B. M.; ENUMO, S. R. F.	Revista Estudos de Psicologia, 2020
	Repercussões da pandemia de COVID-19 no desenvolvimento infantil	MANITTO, A. M. <i>et al.</i>	<i>Working paper</i> , Núcleo Ciência pela Infância, Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2020
	Educação em tempos de pandemia no Brasil: saberes-fazer escolares em exposição nas redes e a educação on-line como perspectiva	MARTINS, V.; ALMEIDA, J.	Revista Docência e Cibercultura, 2020
	O brincar e a criança do nascimento aos seis anos	OLIVEIRA, V. B.	Livro 1ª edição, Vozes, 2000

Educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações	PASINI, C. G. D.; CARVALHO, E.; ALMEIDA, L. H. C.	Observatório Socioeconômico da COVID-19, 2020.
Cultura popular brasileira: dança folclórica, o processo de ensino-aprendizagem por meio da tecnologia multimídia	PEREIRA, J. S. N.	Congresso Nacional de Educação, 2009.
Tambor de Crioula do Maranhão: performance e jogo	PIRES, C.	Revista Rascunhos: Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas, 2017
A educação de crianças e jovens durante a pandemia de COVID-19. “Tem alguém aí, ou vamos apenas cumprir tarefas?”	REZERA, D. N.; D’ALEXANDRE, R. G.	Revista Saber & Educar, 2021
Imaginário e culturas na infância	SARMENTO, M. J.	Cadernos de Educação, 2002
O patrimônio cultural em tempos de pandemia	SEIXAS, A.	Revista da Seção Judiciária do Rio de Janeiro, 2020
Os benefícios do brincar para o desenvolvimento intelectual e social da criança	SILVA, K. J.	Monografia de graduação em Pedagogia, 2013
Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades	SOUZA, E. P.	Caderno de Ciências Sociais Aplicadas, 2020
Revisão integrativa: o que é e como fazer	SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R.	Revista Einstein, 2010
Estresse infantil, escolaridade e contexto familiar: um estudo com alunos do ensino fundamental	TOLEDO, T. C.	Dissertação de mestrado em Psicologia, 2013
A formação social da mente	VYGOTSKY, L.	Livro 4ª edição, Martins Fontes, 2007

Fonte: Dados da pesquisa.

## **A DIVERSIFICAÇÃO SIMBÓLICA DO FOLCLORE**

A valorização do folclore como legítima manifestação cultural brasileira nos proporciona um maior conhecimento das raízes que constituem a formação socioidentitária. Esse reconhecimento contribui para a formação do vínculo e da manutenção das representações culturais que serão transmitidas de geração em geração por meio das “variações dinâmicas que, nas relações entre crianças e adultos, vão sendo, historicamente, produzidas e elaboradas” (SARMENTO, 2005, p. 366).

Portanto, como afirma Pereira (2009), a caracterização cultural de um povo possui relações íntimas com o folclore e suas origens, pois ele influencia e se modifica de acordo com a época em que acontece. O mesmo autor considera a vivência folclórica dentro da Escola como fundamental para a formação social, histórica e crítica do aluno, e, além disso, instrui, valoriza e trabalha com a interdisciplinaridade, uma vez que, ao partilhar conhecimentos, se enriquece culturalmente.

A consideração do folclore como parte integrante da vida social, segundo Fernandez (2013), se entrelaça aos processos e às relações sociais e, dentro desse contexto, sua função socializadora se torna evidente, especialmente junto às crianças. Ela ainda afirma que, por meio de cantigas, danças, contos, brincadeiras, festas, adivinhas e lendas, é possível a transmissão de valores, experiências e tradições. Mesmo com a modernização técnico-científica e seus impactos sociais, essas realidades permanecem.

A diversificação simbólica e folclórica existente entre as regiões e, até mesmo, entre os Estados do Brasil, durante os festejos juninos, evidenciam nossas origens históricas e

colonização. Na região Sul, o chimarrão e a dança das fitas comandam o festejo; no Sudeste, o quentão, as infinitas quitandas e as quadrilhas tradicionais; no Centro-Oeste, tem-se a dança do cururu, a famosa sopa paraguaia, regadas à inveterada música sertaneja; no Norte, temos a clássica festa do Boi Bumbá, acompanhada de vatapá, tacacá, mungunzá que comandam a culinária típica; já o Nordeste é reconhecido nacionalmente por caprichar na criatividade junina, mergulhar no forró pé de serra, no ritmo da zabumba e de matraca presentes nas músicas, e uma diversidade de pratos à base de mandioca e milho, fruto da histórica base alimentar dos escravos.

## **A FESTA JUNINA**

A característica multicultural da festa junina é fruto da mistura das origens africana, francesa, portuguesa e espanhola que colonizaram nosso país, somada a uma adaptação aos costumes brasileiros com algumas peculiaridades inerentes a cada região do Brasil. Esse festejo tão esperado por milhares de brasileiros, principalmente pelas escolas, uma das maiores disseminadoras dessa cultura, foi suspenso em todos os municípios e capitais. Em virtude disso, as crianças perderam a vivência presencial e a experimentação desse momento necessário à formação de sua identidade sociocultural e emocional.

Tradicionalmente, a cultura junina maranhense possui fortes traços com as festividades de São João e suas características históricas. O festejo do São João é aguardado ansiosamente pela população. O Bumba meu Boi possui uma íntima representação social, que é representada pela religião, festa, arte e história, as quais se mesclam com crenças, devoção, cores, danças, teatro e artesanato, o que a faz ser considerada a manifestação mais marcante da cultura maranhense. O Cacuriá, o Tambor de Crioula, Dança do Coco, assim como os instrumentos musicais Matraca e Zabumba, também possuem representações marcantes nos ritmos da dança dos bois.

A cultura maranhense se arquitetou a partir da miscigenação racial e cultural de colonizadores, escravos africanos e índios que acrescentaram suas histórias e costumes e construíram o mosaico cultural que hoje compartilhamos. O Bumba meu Boi conta a história da escrava Catirina, que suplica a seu marido, negro Chico, o sacrifício do boi mais bonito da fazenda para satisfazer seu desejo de grávida de comer a língua do boi. A partir daí, inicia-se todo o ritual do folclore, presenciado em brilhantes apresentações desses grupos.

Pires (2017) caracteriza o Tambor de Crioula como um ritual rico em musicalidade e ritmos que envolve, ao mesmo tempo, a combinação da religiosidade afro-brasileira, a devoção católica e as raízes afrodescendentes num mosaico único. O Cacuriá tem origem na festa do Divino Espírito Santo, típica no município de Alcântara (MA). Já a Dança do Coco tem origem no canto dos trabalhadores nos babaçuais no interior do Maranhão e é uma dança de roda cantada que utiliza instrumentos, como pandeiros, cuícas e ganzás, e palmas que formam a roda musical (BRASIL, 2016).

Todas essas danças sociais representam contextos geográficos particulares que retratam as práticas culturais locais. São essas manifestações culturais as que mais sofreram com a nova normalidade, devido às medidas de distanciamento social para minimizar a transmissão da Covid-19. Dessa forma, foi necessário se reinventar, utilizar a criatividade e o imaginário para proporcionar a continuação de manifestações culturais para a população, mesmo que de forma *on-line*, possibilitando às pessoas usufruírem da arte e da cultura, tão essenciais à sociedade.

Essas expressões artísticas abrangem todas as instituições sociais, dentre as quais se destaca a Escola, cujo papel, nesse sentido, consiste em direcionar seus alunos a adentrar esse cenário, participar, interagir e identificar-se com a cultura popular que se encontra em constante transformação. Dessa maneira, é fundamental às crianças e aos adolescentes que vivenciem a cultura de todas as formas, contribuindo, assim, para o desenvolvimento sociocultural e

emocional. Apesar do cenário atual, foi possível observar as diferentes iniciativas dessa instituição na tentativa de mitigar as perdas culturais aos alunos, reinventando-se e inovando, para modificar a forma de ensinar, de modo a adequar-se ao cenário atual.

Ademais, o conjunto de histórias, costumes, cantigas e mitos especificam as diferenças entre os povos e, assim, repassam conhecimentos culturais que nos aproximam e nos vinculam às histórias de outras gerações, contribuindo para a reflexão e o aprimoramento do senso crítico social. Araújo (2013) define o folclore, *a priori*, como a identificação de um povo mediante sua história, socializada e expressada entre gerações de forma espontânea, que ocorre por meio de um processo histórico e social.

Conforme apontam Araújo e Lima (2005), é tanto na tradição quanto na inovação que o fenômeno folclórico se baseia, pois ele se transforma diariamente, ao mesmo tempo que mantém sua base, sua essência, como direcionamento. Portanto, o folclore planta suas raízes num passado imemorial da humanidade e, simultaneamente, projeta-se como voz do presente e do futuro. Assim, a cultura deve ser considerada um elemento do qual somos protagonistas e contribuímos de forma ativa para a manutenção e transformação de seus valores.

Dentro desse contexto, nota-se que a influência familiar e a orientação e aprendizado escolar compartilham a construção do desenvolvimento infantil. É necessário, portanto, que ambas as instituições forneçam recursos para que haja valorização e perpetuação do conhecimento cultural necessário para a formação da identidade pessoal e emocional das crianças e dos adolescentes, na conscientização de seu papel em dar sentido a essa cultura para as próximas gerações.

## **O CENÁRIO ATUAL DA PANDEMIA, A CULTURA E A ESCOLA**

A crise sanitária em escala global confronta os novos desafios e demonstra problemas que transcendem a saúde pública, e, na compreensão dessa situação, novas discussões e pensamentos críticos fundamentam as propostas de intervenção. Segundo Pasini, Carvalho e Almeida (2020), a pandemia impediu o ensino presencial, afetando diretamente a educação básica e a graduação, bem como os gestores educacionais que ficaram à espera de um posicionamento das autoridades locais. A adaptação e superação foram necessárias por parte da gestão, dos docentes e dos discentes, incluindo toda a sociedade. O fenômeno sanitário complexo e multidimensional apresentou as consequências em todas as esferas da vida social (CORREIA *et al.*, 2020).

Nesse contexto da pandemia por Covid-19, a sociedade e as instituições de ensino, tanto públicas como privadas, precisaram reinventar-se, usar a criatividade e promover o acesso à educação a distância, como resposta ao confinamento. Com o início da pandemia e as ações e medidas tomadas, as crianças têm sido submetidas aos protocolos em que o isolamento social se faz primordial, principalmente com a ausência de aulas presenciais. Conforme Linhares e Enumo (2020), podemos afirmar que, além das grandes perdas do processo de aprendizagem tradicional e formal, a socialização que as crianças estabelecem com seus pares, proporcionada principalmente no ambiente escolar, foi interrompida pelo contexto atual, gerando prejuízos em aprendizados que são significativos para o desenvolvimento humano.

Linhares e Enumo (2020) citam como exemplo as experiências lúdicas compartilhadas que implicam em interações proximais face a face; cooperação; convivência com as diferenças; compartilhamento de decisões; enfrentamento de desafios; negociação de conflitos; adiamento de gratificações; espera da sua vez; exercício controle de impulsos; entre outras habilidades. Portanto, avaliar essa situação e obter recursos para enfrentá-la é algo complexo para as crianças, mais ainda, se não houver um auxílio por parte das instituições de ensino e dos pais ou responsáveis.

Toledo (2013) aponta a infância como uma fase da vida que representa vulnerabilidade e dependência, de modo que o surgimento de eventos que excedem a capacidade de adaptação das crianças se reflete na alteração do seu equilíbrio fisiológico. Esse desequilíbrio, quando não tratado adequadamente, pode agravar-se, atingir níveis perigosos para o bem-estar e ajustamento infantil e, conseqüentemente, comprometer seu desenvolvimento adequado.

Portanto, no que diz respeito às crianças e aos adolescentes, o contexto do isolamento social em ambiente doméstico implica conseqüências negativas, como a perda de referências externas, que interferem majoritariamente no tempo diário dessa população, que são as escolas e o ambiente familiar. Ambas foram sujeitas a uma readaptação em curto prazo, o que requer uma vigilância ampliada tanto na estruturação do ambiente doméstico quanto no fortalecimento das relações pessoais e familiares. Mas como atenuar a perda da vivência cultural nesse período cujo confinamento da criança dificulta o contato físico?

As mudanças que ocorrem em decorrência de eventos históricos, calamidades, inovações tecnológicas ou pelo contato com o outro promovem modificações de padrões culturais, mantendo e preservando sua tradição. Essa diversidade permite compreender o processo de pluralidade que se manifesta nas diferentes regiões do país. Para Seixas (2020), a diversidade cultural aborda a qualidade de vida, a inclusão social, a desigualdade de renda, o racismo, a violência, e sua promoção é um dos eixos estratégicos de desenvolvimento social. Outrossim, a proteção social por meio da valorização cultural garante possibilidades lúdicas que implicam no bem-estar físico e emocional das crianças e dos idosos, especialmente daqueles que se encontram confinados com deficiências, enfrentando debilidades estruturais institucionais (CORREIA *et al.*, 2020).

Nessa perspectiva, a diversidade presente no Brasil muito contribui para a ressignificação de brincadeiras tradicionais no currículo escolar, na medida em que incentiva o respeito às diferentes culturas para que não haja imposição de uma cultura sobre a outra. Afinal, o respeito à diversidade cultural em momento de pandemia e distanciamento social é relevante e permite aquisição de informações socioculturais por meio do diálogo e da demonstração das particularidades regionais.

A instituição escolar atua como formadora de indivíduos que reconheçam e valorizem a diversidade cultural, para que sejam protagonistas das transformações sociais que se almeja. Conforme aponta Leite (2014), fica a cargo da escola o desafio de formar seres que são protagonistas do meio em que vivem e que, ao atuarem como indivíduos críticos conscientes, são capazes de superar a visão tradicional conteudista que, historicamente, tem pautado a composição dos currículos das instituições de ensino. Assim, uma proposta mais ativa e engajada possibilita uma formação cidadã.

Crianças, enquanto sujeitos do contexto em que se dá a pandemia, não são meros sujeitos imaginários, mas sim sujeitos reais e ativos que se compõem e designam a partir das relações sociais construídas nos tempos de hoje. A compreensão de que a criança é um ser social em processo de formação e que precisa ser vista como sujeito ativo em seu próprio mundo social é fundamental para que possamos valorizar e afirmar seu papel na sociedade. Logo, conforme aponta Müller (2006), a visão de que as crianças são depósitos dos ensinamentos dos adultos é equivocada por impedir que sejam reconhecidas em seu próprio direito e especificidade.

Borsa (2007) aponta que a escola possui o papel de auxiliar na construção de parte da identidade de ser e pertencer ao mundo; nela, adquirem-se os modelos de aprendizagem, a aquisição de princípios éticos e morais que permeiam a sociedade e a produção de cultura. Ou seja, além da transmissão do conhecimento científico, a escola incentiva a apropriação de bens culturais e sociais que foram produzidos no passado e auxilia em sua ressignificação. Logo, conclui-se que a escola atua como campo tanto de produção quanto de reprodução de cultura por meio de atividades que objetivam situar as crianças frente ao mundo social em que vivem.

Nesse sentido, a mediação dos docentes e suas formas de ensinar podem estimular e viabilizar o potencial dos alunos em descobrir um novo mundo e possibilitar que eles vivenciem histórias que antes só seriam vistas em livros de ficção. Portanto, mesmo em um cenário de estresse, repleto de restrições, é necessário que se mantenham relacionamentos, ainda que virtuais, “assegurando o pertencimento a grupos, a manutenção do senso de competência e o exercício de autonomia e tomadas de decisão” (MANITTO *et al.*, 2020, p. 17). Dessa maneira, contribui para transformar os conceitos e as ideias preconceituosas ou de estranhamento em respeito às diferentes formas de pensar e de se expressar.

## **A FAMÍLIA DIANTE DO IMPACTO DAS MUDANÇAS CULTURAIS NA PANDEMIA**

Compreender o contexto que nos cerca está além da capacidade de uma criança, sobretudo se seus pais não puderem ajudá-la. O estresse causado pela pandemia e suas consequências socioeconômicas e sanitárias na sociedade foram generalizados, mas, principalmente, dentro de casa, somado às incertezas, ao desconhecido, ao medo absorvidos pelas crianças que se guiam pela observação de seus pais e familiares que também foram afetados. A resposta fisiológica e psicossomática se manifesta por meio de distúrbios do sono, irritabilidade, falta de apetite, apatia. Conforme aponta Manitto *et al.* (2020), há evidências da forte influência de fatores que geram estresse sobre a plasticidade cerebral e, conseqüentemente, sobre o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças e dos adolescentes. Além disso, “as predisposições genéticas podem ser modificadas por influências ambientais, como as experimentadas durante uma pandemia, ao comprometer capacidades de aprendizagem, comportamentos adaptativos, saúde mental, saúde física e capacidade de trabalho dos futuros adultos” (ARAÚJO *et al.*, 2020, p. 2), o que sugere consequências a nível pessoal, social e profissional na vida dos indivíduos a longo prazo, que ainda não podem ser mensuradas.

A inserção das aulas remotas nas escolas devido à pandemia por Covid-19 trouxe várias dificuldades e grande impacto tanto para os que transmitem, os professores, como para os alunos e familiares que precisaram se adequar em curto período a esse novo modelo de educação, em especial, na educação básica. Sabe-se que essa nova forma de ensino não foi ofertada de forma integral e igualitária a todos os estudantes, o que trouxe maior dificuldade ao acesso.

Em 2018, mais de seis milhões de matrículas foram realizadas na Educação Infantil e mais de 39 milhões na Educação Básica da rede pública (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2019), o que tornou urgente a providência de soluções de acesso à educação em meio à pandemia, sobretudo na rede pública. Um dos maiores desafios nesse percurso é a conectividade, pois “o período da pandemia escancarou as grandes desigualdades existentes no Brasil. Alunos das escolas públicas têm muito mais dificuldade de acesso à internet do que os das escolas particulares” (SOUZA, 2020, p. 116).

As autoras Rezera e D’Alexandre (2021) afirmam que as discrepâncias na desigualdade de acesso à educação remota e a capacitação para utilizá-la abarcam tanto alunos quanto educadores. Portanto, fica evidente a heterogeneidade na disposição desse recurso e o resultado não poderia ser diferente: aqueles que já possuem melhor desempenho acadêmico e são favorecidos socioeconomicamente tendem a se beneficiar mais das soluções tecnológicas e dos modelos educacionais disponíveis neste momento. Segundo as mesmas autoras, as iniciativas em torno da democratização do acesso aos meios tecnológicos ainda são um processo em construção.

As formas midiáticas de ensino eram pouco utilizadas no cotidiano dos alunos, e hoje tornaram-se a principal ferramenta de transmissão de conhecimento. Essa nova forma de ensino trouxe também mudanças para o cotidiano das famílias, que foram inseridas no processo educacional, ampliando o apoio e a instrução das crianças nas atividades escolares. Por

consequente, o fortalecimento da relação família-escola, em especial se sustentado no pós-pandemia, é uma estratégia interessante para manter o vínculo com o processo educacional das crianças e dos adolescentes.

Apesar das desigualdades no acesso à conectividade, o ensino remoto “pode ser um caminho para a complementação da vida escolar dos brasileiros, de forma a manter contato, pensar em conteúdos interdisciplinarmente, em uma formação cidadã ou reforçar saberes” (MARTINS; ALMEIDA, 2020, p. 220), mas não para a substituição das vivências presenciais. A escola é um lugar para o florescimento e a promoção da construção cidadã das crianças, e a educação e as vivências proporcionadas por elas são insubstituíveis.

Nesse contexto, as famílias desempenham um papel muito importante na transmissão da cultura: preparar a criança para uma troca de informações ao organizar as primeiras experiências e apresentar a elas as várias representações de crenças e valores. As respostas das crianças aos estímulos do ambiente dependem de sua conjuntura cognitiva e emocional; e esta tem a ver com os familiares que a cercam e o contexto sociocultural em que vivem. Conforme aponta Corsaro (2011), as crianças absorvem a cultura e as informações transmitidas pelos adultos conforme participam de rotinas culturais promovidas pelas escolas e pelos familiares, e, assim, não vivem individualmente imersas em si mesmas, mas criando e compartilhando culturas. Em síntese, as crianças rapidamente se apropriam da cultura transmitida pelos adultos e são capazes de transformá-la na medida em que interagem com novos conhecimentos.

Em um cenário de pandemia, cujas aulas presenciais foram suspensas, em razão da Covid-19, a concentração e o incentivo das crianças podem ter sido prejudicados. Nesse sentido, teve-se a decisão aligeirada das autoridades locais pela substituição das atividades presenciais com as crianças por atividades remotas, que foram denominadas, em alguns casos, por educação a distância (EaD). O exercício de aprendizagem no âmbito cultural da festa junina e de eventos folclóricos foi abordado pedagogicamente no ambiente familiar, incentivado pelas escolas por meio da *internet* e da televisão, na tentativa de manter a narrativa das brincadeiras e indumentárias tradicionais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A contribuição das crianças e dos adolescentes para a manutenção da cultura popular é imprescindível. Percebe-se que a participação infantil nos festejos juninos e eventos folclóricos favorece um crescente sentimento de pertencimento, afirmação e manutenção da cultura, devendo, portanto, ser ressaltado no ambiente familiar e divulgado nas mídias sociais, visando à diminuição da perda de um ano letivo sem a vivência dessa experiência presencial e mitigar o distanciamento social e cultural.

Os recursos dessa aproximação das instituições escolares por meio do uso da *internet* para interagir virtualmente com seus alunos, a fim de não prejudicar seu aprendizado e desenvolvimento, ocorrem sob grandes limitações de acesso à conectividade, porém houve adequação das famílias que já possuíam acesso a esse novo modelo metodológico educativo. A adoção de conteúdos que trabalhem as manifestações culturais datadas em nosso calendário contribui para maior adesão e enaltecimento desses festejos folclóricos. Dessa forma, os efeitos da pandemia sobre o conhecimento poderão, de certa forma, ser minimizados e a experiência cultural não será esquecida, apenas alterada no que tange à forma como será vivenciada.

A diversidade e a inclusão cultural também são necessárias ao trabalho fora da sala de aula presencial, e a experiência pedagógica, para além do trabalho dos professores, é inovadora na pandemia. A participação familiar certamente será descrita em suas dificuldades e avanços no compartilhamento dessas experiências. As situações de emergência permitiram identificar que as condições que não eram frequentes fazem, agora, parte do cotidiano e refletem os distintos valores de muitas escolas e famílias.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. P. *O folclore musical infantil brasileiro na ampliação do repertório cultural da criança na educação infantil*. 2013. 43 f. Monografia (Especialização em Docência na Educação Infantil) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- ARAÚJO, D. F. C.; LIMA, E. F. *A contribuição do folclore nas aulas de literatura infantil*. 2005. 64 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências de Educação, Brasília, 2005.
- ARAÚJO, L. A. *et al.* The potential impact of the COVID-19 pandemic on child growth and development: a systematic review. *Jornal de Pediatria*, v. 20, p. 1-9, set. 2020.
- BORSA, J. C. O papel da escola no processo de socialização infantil. *Revista Eletrônica do Psicologia*, p. 1-5, 2007.
- BOURSCHEID, C. C. *Escuta estética/poética na creche: encontros musicais com bebês e crianças pequenas*. 2014. 226 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2014.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Tambor de crioula do Maranhão*. Brasília: Iphan, 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEB, 2010.
- CORREIA, A. C. *et al.* *Olhares sociológicos sobre a pandemia*. Porto: Universidade do Porto, 2020.
- CORSARO, W. *Sociologia da infância*. 2. ed. Trad. Lia Gabriele Regius Reis. São Paulo: Artmed, 2011.
- CUNHA, A. M. V.; GONÇALVES, F. W. A. S. O ensino do folclore na educação infantil: sob o olhar dos professores. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, v. 17, n. 39, p. 165-180, 2019.
- FERNANDEZ, B. M. *Contribuições a uma reflexão acerca do trabalho com lendas do folclore brasileiro na educação formal de crianças pequenas*. 2013. 61 f. Trabalho de Conclusão do Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- FIOCRUZ. Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira. *COVID-19 e saúde da criança e do adolescente*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.
- LEITE, M. A. *Diversidade cultural no contexto escolar*. 2014. 54 f. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) – Universidade Estadual da Paraíba, Itaporanga, 2014.
- LINHARES, M. B. M.; ENUMO, S. R. F. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. *Revista Estudos de Psicologia*, v. 37, e200089, p. 1-14, 2020.

MANITTO, A. M. *et al. Repercussões da pandemia de COVID-19 no desenvolvimento infantil*. Trad. Melissa Harkin. São Paulo: Núcleo Ciência pela Infância, Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2020.

MARTINS, V.; ALMEIDA, J. Educação em tempos de pandemia no Brasil: saberes-fazer escolares em exposição nas redes e a educação on-line como perspectiva. *Revista Docência e Ciberultura*, v. 4, n. 2, p. 215-224, 2020.

MÜLLER, F. Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência. *Educação & Sociedade*, v. 27, n. 95, p. 553-573, 2006.

OLIVEIRA, V. B. (org.). *O brincar e a criança do nascimento aos seis anos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PASINI, C. G. D.; CARVALHO, E.; ALMEIDA, L. H. C. A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. *Observatório socioeconômico da COVID-19*. Santa Maria: UFSM, 2020.

PEREIRA, J. S. N. Cultura popular brasileira: dança folclórica, o processo de ensino-aprendizagem por meio da tecnologia multimídia. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9.; ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3., 2009, Curitiba. *Anais [...]*. Campinas: PUCPR, 2009.

PIRES, C. Tambor de crioula do Maranhão: performance e jogo. *Revista Rascunhos: Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas*, v. 4, n. 3, p. 112-123, 2017.

REZERA, D. N.; D’ALEXANDRE, R. G. A educação de crianças e jovens durante a pandemia da COVID-19. “Tem alguém ai, ou vamos apenas cumprir tarefas?”. *Revista Saber & Educar*, n. 29, p. 1-14, 2021.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação & Sociedade*, v. 26, n. 91, p. 361-378, 2005.

SARMENTO, M. J. Imaginário e culturas na infância. *Cadernos de Educação*, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2002.

SEIXAS, A. O patrimônio cultural em tempos de pandemia: o direito à cultura para além da arte e do entretenimento. *Revista da Seção Judiciária do Rio de Janeiro*, v. 24, n. 48, p. 24-58, 2020.

SILVA, K. J. *Os benefícios do brincar para o desenvolvimento intelectual e social da criança*. 2013. 26 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, Itabaiana, 2013.

SOUZA, E. P. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. *Caderno de Ciências Sociais Aplicadas*, ano 17, v. 17, n. 30, p. 110-118, 2020.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Revista Einstein*, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. *Anuário brasileiro da educação básica*. São Paulo: Moderna, 2019.

TOLEDO, T. C. *Estresse infantil, escolaridade e contexto familiar: um estudo com alunos do ensino fundamental*. 2013. 100 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

VYGOTSKY, L. *A formação social da mente*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.